

## **Jornalismo e Literatura em Análise no Semanário “O Araripe”<sup>1</sup>**

Cibele Moraes de FREITAS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Francisco de Freitas LEITE<sup>3</sup>

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE

### **RESUMO**

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa linguística e jornalística, do grupo de pesquisa Dialogismo e Linguística – DIALIN, sobre o jornal semanal O Araripe, que circulou na cidade de Crato, no interior do Ceará, entre os anos de 1855 a 1864. Para isso, foram analisadas duas poesias publicadas no primeiro e no último ano de circulação do periódico, com foco na relação entre o jornalismo e a literatura. A pesquisa é de natureza analítico-interpretativa e os resultados parciais apontam que o jornal O Araripe foi crucial para a construção da comunicação na sociedade cratense, sendo, inclusive, o direcionador de mensagens através das poesias.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornal O Araripe; Cariri; poesia.

### **INTRODUÇÃO**

O primeiro periódico da região do Cariri, localizada no sul do Ceará, circulou pela primeira vez em 7 de julho de 1855. Segundo os seus criadores, o jornal foi idealizado com o propósito de proteger os interesses da comunidade local de maneira imparcial, enquanto também servia como um veículo para promover a adoção de novos costumes e hábitos pela população, visando elevar o prestígio do Cariri e, em especial, da cidade do Crato, como um emblema da civilização (O Araripe, 1855, p. 1). Era disponibilizado aos sábados, com opções de assinaturas anuais e semestrais.

Os membros do partido liberal exerciam um controle predominante sobre o conteúdo editorial, estabelecendo conexões com outras redações que compartilhavam suas ideologias, influenciando assim o teor das páginas do jornal.

Uma das características observadas no maior número de edições é a presença de publicações de natureza literária. Uma particularidade observada é que simples anúncios

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Jornalismo e Literatura), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Letras, URCA (email: [freitas.leita@urca.br](mailto:freitas.leita@urca.br))

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFCA, email: [cibele.moraes@aluno.ufca.edu.br](mailto:cibele.moraes@aluno.ufca.edu.br)

tinham formato de versos literários. Alguns, como os que são analisados neste trabalho, serviam para comunicar sentimentos pessoais e temas sociais, como a carta de André Trústrús ao seu avô publicada na terceira edição do primeiro ano do jornal e o soneto assinado por F.C.C.

## O POEMA A UM CARO AVÔ

Na edição de número 3, publicada em 1855, primeiro ano do jornal, há uma coluna inteira dedicada ao poema de André Trústrús a seu avô David Matheos (figura abaixo).

Figura 1 – Primeiro trecho do poema de André Trústrús para o avô David Matheos

CARTA DE ANDRÉ TRÚSTRÚS A SEU AVÔ DAVID MATHEOS.  
*Pelludo 15 de julho de 1855.*

Caro avô David Matheos,  
Lance-me a sua bençõ,  
Receba minhas ternuras,  
Ternuras de coração,  
E também  
A gente toda, que tem,  
Em nossa pobre cabana,  
Cuja lembrança alimenta  
A saudade mais inana  
Em seo néto.  
Com senhor mestre Anicéto  
Eu fico na escola a ler,  
Mais contente e satisfeito,  
Pois é mestre de saber,  
Bom que dô.  
Minha mestra Xica Elbe  
Quis que elle certo dia  
Fosse ler aquella folha,  
Que não sei o que dizia  
De mulher.  
E desde então que arrequer  
Dá figa, grita q'estronda,  
E desconjura, espragueja  
A tal de letra redonda  
Malcreáda.  
Minha folha está guardada,  
Pois tenho visto ensinar  
Clã de folhas p'ra doenças,  
E por isto é bom guardar  
Certamente.  
Do que gosta toda gente  
É de ver o Araripe;  
Mas acharã um desaforo  
Vir quasi nú tal Coípe,  
Sem ceroula.  
Porem é que o fis por tola  
Essa pobre creatura.  
Fis de gomma um grudesinho,  
E bem junto a feixadura

O preguei.  
Ben certo o dia não sei;  
Porem foi agora agora,  
A pobre da Xica Elbe  
Por um pinguinho não chora  
De mofina.  
Que mandem p'ra cá vaccina,  
Lia o mestre no papel,  
A bexiga bate á porta,  
É valenta, está cruel  
No norte.  
A velha, que teme a morte  
Mais que tudo quando empina  
O seo vintem de pinote,  
Queixou-se logo da sina;  
Se bemseo.  
Mas o mestre discorreo  
Tanto sobre tal questãõ  
Que poude enfim alentar  
E tornar seo coração  
Mais forte  
Velha tonta não s'emporte,  
O Aniceto lho disse,  
Da bixiga não ter mêlo  
Lada não houve quem visse  
Gentio  
Vê-se bem pelo feitio

Fonte: O Araripe, n. 3, p. 3, 1855.

A linguagem arcaica e os temas abordados oferecem esclarecimentos sobre a vida cotidiana, as relações familiares, a educação, a saúde e as preocupações sociais da época.

O poema começa com uma saudação ao avô, expressando ternura e respeito por ele, além de mencionar a humilde cabana onde vivem. A menção ao mestre Aniceto e à mestra Xica Eloe ressalta a importância da educação na comunidade. A escola é retratada como um espaço de aprendizado e crescimento, onde as crianças encontram não apenas conhecimento, mas também apoio e orientação.

Figura 2 – Segundo trecho do poema de André Trustrús para o avô David Matheos

Deste primo, que aqui vem,  
Ser tapuío todo inteiro  
De arco, flaxa e também  
De tanga.  
Ora nada mais lhe zanga,  
Do que bixiga e canúto,  
Deli vem esta noticia,  
Este aranzel, isto tudo,  
Q' elle tras.  
B'xiga p'ra um tal rapas  
Faz medo de se labar  
Náo é b'xiga molestia  
Mas a outra de mijar  
Soprada.  
Eu porem, meo canarada  
Náo contanto a palnatoria,  
Por mais cousas, q'ella conte,  
Binzei só, foi da historia  
Do projecto.  
Que será deste seo néto  
Si aproviucia se criar?  
Porem é que mal de todos  
Serve sempre a consolar  
Todo o mundo.  
Mergilhado là no fun'lo,  
Perdido na multidaõ  
Havemos de ver sem falta,  
Quem for hoje figuraõ  
Da terra.  
Quem isto diçe náo erra  
E' senhor mestre Aniceto.  
Ja voa longo, me perdoe,  
Meo avô meo predilecto,  
Papainho.  
N.B.  
Agostinho manda  
Recados seos  
Das serras anda  
Multando o povo  
André Trustrús

Fonte: O Araripe, n. 3, p. 3, 1855.

Há de se destacar as referências à epidemia de bexiga (varíola) que vinha assolando o Brasil naqueles tempos. As práticas de medicina popular, como o uso de chás de folhas para tratar doenças, refletem a busca por soluções naturais em um contexto de

acesso limitado a cuidados médicos formais. Também pode ser observada a particularidade gramatical, refletindo os aspectos da sociedade, utilizando-se de expressões e termos que caíram em desuso e até mesmo nem existem mais. Para Auroux (2009, p.64) “[...] entender uma língua não é apenas ter acesso a relações intralinguísticas, é mais: é ser capaz de relacionar esses signos linguísticos a uma experiência compartilhada de mundo.” Nesse sentido, analisando o jornal, pode-se compreender muito além da função jornalística da época por meio da linguagem, mas sua função social e importância para a comunidade caririense.

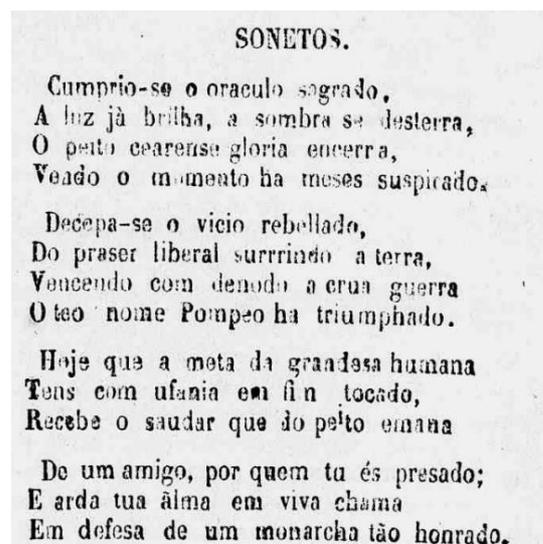
O poema encerra com uma reflexão sobre o futuro da província e a incerteza em relação ao que virá. Essa incerteza é expressa de forma poética, sugerindo um anseio por orientação e proteção em meio às mudanças e desafios da vida. Esse aspecto vai ao encontro à função social do jornal na época, que servia como um meio de mensagem e recados de uma pessoa para outra. Além disso, esses contatos representavam a visão de algumas pessoas, mostrando uma parte da sociedade que tinha acesso a diferentes gêneros literários, e os jornais são percebidos como formas de representações ao se apresentarem como um meio divulgador de opinião sobre os mais variados assuntos e ao reunirem as ideologias e os interesses específicos de um determinado grupo social – no caso, os liberais (Alves, 2010, p. 21).

No geral, o poema oferece uma janela para o passado, capturando não apenas as preocupações materiais da época, mas também os valores, as crenças e as relações humanas que moldaram a comunidade de Crato durante o século XIX.

## SONETOS PARA DOM PEDRO II

Na edição de número 308 do ano de 1864, foram publicados dois sonetos assinados por F.C.C. Consideremos o primeiro deles.

Figura 3 – Soneto publicado no jornal O Araripe



Fonte: O Araripe, n. 308, p. 3, 1864.

O soneto começa mencionando o cumprimento de um “oráculo sagrado”, sugerindo que algo profetizado ou esperado finalmente se realizou. Isso é seguido pela ideia de que a luz prevaleceu sobre as sombras, simbolizando a vitória sobre alguma dificuldade ou obstáculo. O poeta também celebra um triunfo de Pompeu, que interpretamos como um epíteto a Dom Pedro II, em referência a Pompeu, o grande, da Roma antiga. Há uma sensação de orgulho e alegria pela realização desse feito, como é evidenciado pelos versos que mencionam “o teu nome Pompeu há triunfado”.

Continua, então, o soneto com a sugestão de que o monarca brasileiro alcançou a “meta da grandeza humana”, algo que é celebrado com orgulho. Além disso, há uma referência à defesa de um monarca honrado, indicando talvez um contexto político ou militar em que Dom Pedro II demonstrou lealdade e bravura. O jornal O Araripe desempenha um papel vital ao oferecer um olhar perspicaz sobre as rixas, discussões e discursos proeminentes dos liberais carienses daquela época. Ele não apenas relata as batalhas entre conservadores e liberais com um toque de ironia e sarcasmo, mas também enaltece com orgulho — neste caso, por meio de sonetos — as vitórias e conquistas do movimento liberal na região (Alves, 2010, p. 17).

O soneto é concluído com uma expressão de amizade e apoio ao monarca, destacando o apreço do autor por ele e sua admiração pela causa que ele defende. O desejo de que a alma do monarca continue ardendo em chamas vivas sugere um desejo de continuidade na luta ou na defesa dos valores que ele representa. Não se sabe ao certo quem é o autor, mas, no contexto do soneto, compreende-se ser um defensor da monarquia e admirador de Dom Pedro II.

## CONCLUSÃO

O estudo realizado sobre o jornal O Araripe oferece uma valiosa perspectiva sobre a comunicação e a sociedade cratense durante o século XIX. A análise das edições do

jornal revela não apenas a importância da linguagem viva e da poesia como formas de expressão, mas também a relevância do periódico como um veículo de comunicação e representação social. Ao examinar os poemas publicados, como o dedicado ao avô David Matheos e o soneto assinado por F.C.C., é possível perceber não apenas as preocupações cotidianas da época, mas também os valores, as crenças e as relações humanas que moldaram a comunidade de Crato. Através desses textos, somos transportados para um contexto histórico rico em significados e nuances, em que as questões políticas, sociais e culturais se entrelaçam de forma complexa.

Além disso, o papel do jornal O Araripe como um meio de comunicação e disseminação de ideias, especialmente as ideologias liberais, é destacado. O periódico não apenas relatava os eventos e discussões da época, mas também influenciava ativamente a opinião pública e servia como um espaço para expressão criativa e artística.

Em suma, a breve análise sobre o jornal O Araripe oferece uma visão intrigante do passado e da cultura da região do Cariri, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e da sociedade do Ceará durante o século XIX.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. D. **Desejos de civilização**: representações liberais no jornal O Araripe 1855-1864. 2010. 148f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

AUROUX, S. **Filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

O ARARIPE. Crato: Partido Liberal, 1855-1864. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/araripe/213306>. Acesso em: 20 mar. 2024.